

## A/R/TOGRAFIA: ENGAJAMENTO COMO FILOSOFIA DE PESQUISA E PRÁTICA PROFISSIONAL<sup>1</sup>

Rita Irwin<sup>2</sup>

Tradução<sup>3</sup> : Scheila Maçaneiro<sup>4</sup> e  
Sonia Vasconcellos<sup>4</sup>

Agradeço o convite por estar aqui, é realmente um prazer. Gostaria de parabenizar todos vocês por estarem pensando a frente de seu tempo e por abraçarem a Pesquisa Baseada em Arte. Estou muito feliz em compartilhar minhas ideias e vivências da A/r/tografia com vocês.

Engajar-se com algo, envolver-se. É nessa direção que iremos e esse conceito é muito importante. Essas ideias, esses conceitos, são formas de nos engajarmos com nossas ideias artísticas e pensarmos: como podemos nos referir a esses conceitos como forma de investigação? Como podemos nos engajar com algumas dessas ideias para teorizar e pôr em prática nosso trabalho? Ao fazermos isso, precisamos prestar atenção a essas considerações com todo nosso coração, com profunda inspiração pela relação entre pesquisa e ensino.

---

1 Palestra realizada na abertura do 1º Colóquio de Práticas de Pesquisa Baseada em Arte na Educação, realizado de 20 a 22 de agosto de 2015 no Campus de Curitiba II da UNESPAR. O Colóquio teve apoio financeiro da CAPES, UNESPAR e Instituto Arte na Escola.

2 Professora titular de Estudos Curriculares e Arte Educação e diretora da Divisão de Formação de Professores da University of British Columbia, UBC, no Canadá. Ocupa posições de liderança em uma série de organizações nacionais e internacionais, como a Sociedade Canadense para o Estudo de Educação, Associação Canadense de Estudos Curriculares e Sociedade Internacional para a Educação através da Arte (INSEA). Conhecida internacionalmente por seu trabalho com a A/r/tografia (a/r/tography – artist, researcher and teacher), também desenvolve trabalho na área de políticas de gestão e currículos em arte educação.

3 A tradução da palestra foi autorizada e subsidiada por troca de e-mails com a autora e também pela tradução simultânea realizada durante o evento.

4 UNESPAR, Brasil

Muitas vezes me indagam: *ok, muito boa essa proposta, mas como você avalia esse trabalho?* É difícil e provavelmente a forma mais fácil de pensar como avaliar este trabalho é ver o quanto ele nos oferece acesso a novos pontos de vista sobre algo em particular. Percebam que eu digo algo em particular, pois esse tipo de trabalho sempre se relaciona com o particular.

O tipo de pesquisa que situo como método científico tem muito a ver com o geral. Precisamos desse tipo de investigação para nos ajudar a compreender questões gerais de determinadas situações. Mas o que a arte nos oferece é o particular: compreender aquela pessoa, aquele evento, aquela ação, aquela situação social, aquele problema em específico. É isso que nós queremos investigar. Portanto, uma vez que tivermos feito essa investigação, será que ela instiga a que outros pensem de forma diferente? Será que nos instiga a pensar de forma diferente? A nos comportar e sentir de forma diferente? Se isso estiver acontecendo, então fomos bem sucedidos.

Apresento a seguir fragmentos da minha história profissional para que vocês compreendam como cheguei até este ponto para falar de *Ar/tografia*.

## **MEU ENVOLVIMENTO COM A ARTE/EDUCAÇÃO: AÇÕES E SENTIMENTOS**

Ensinei arte e educação por dez anos e naquela época não havia a Pesquisa Baseada em Arte. Durante a realização do meu doutorado na University of British Columbia/UBC, queria muito realizar uma pesquisa-ação com a comunidade de professores de arte de uma escola municipal. Contudo, não encontrei um grupo de professores da universidade que pudesse me orientar nessa metodologia e assim fiz um estudo etnográfico na tese.

Finalizei o doutorado, me mudei para outra universidade e quatro anos depois retornei para a UBC como professora assistente. Mudanças haviam ocorrido. Novos professores chegaram e alguns professores *seniors* tinham agora condições de apoiar a pesquisa-ação. Isso me encorajou muito e realizei um estudo piloto com uma turma de mestrado mesclando essa abordagem com a pesquisa em artes visuais

Minha experiência com esse grupo me ensinou que a pesquisa-ação oferece um caminho para realizarmos indagações significativas sobre nossas próprias práticas e o aprendizado acontece junto com os estudantes. Os participantes do grupo estavam

envolvidos com suas práticas artísticas e com suas próprias perguntas sobre arte e ensino. O grupo comentava e refletia com paixão e curiosidade. Ações e sentimentos que não podem ser inventados e sim vivenciados. No encerramento dessa turma de mestrado em arte educação, vários estudantes comentaram que gostariam de continuar trabalhando junto comigo e eu entusiasticamente aceitei.

Escolhemos nos identificar como um grupo de perspectiva feminista, ensinando e fazendo investigações. Também decidimos que as nossas práticas de pesquisa envolveriam processos artísticos como modo de investigação em conjunto com a leitura e a escrita teórica. Ficamos juntos durante cinco anos discutindo contextos de ensino de arte, lendo artigos, criando mostras de arte e escrevendo artigos para revistas e livros. Realizávamos encontros regulares sobre nossos projetos individuais de pesquisa-ação e como eles se transformavam e eram afetados pelo trabalho do outro.

Nosso grupo envolvia estudantes de mestrado e em algumas ocasiões tivemos a participação de estudantes de doutorado também. Foi junto a esse grupo misto de estudantes, e afetados pelo que realizávamos, que o termo *A/r/tografia* surgiu. Estava escrevendo um capítulo de um livro e o nome “grupo de pesquisa-ação” parecia não fazer justiça ao que realizávamos. Falávamos de forma eloquente da prática em arte, da prática pedagógica, mas não tínhamos um termo para falar dessas práticas como pesquisa. Precisávamos disso e então fomos estruturando a *A/r/tografia*.

Vale destacar que nessa época eu também estava trabalhando com meus colegas de universidade junto com um grupo de estudantes de pós-graduação. Esses estudantes estavam realizando estudos sobre educação em arte para o ensino médio e fizeram um projeto piloto similar ao que realizávamos no grupo da *a/r/tografia*, mas em escala menor. Eles desenvolviam os projetos nas aulas de metodologia de arte para o ensino médio. Eram propostas muito interessantes.

No Canadá existem vários modos de se obter o certificado de professor. Algumas universidades oferecem o bacharelado em educação; outras oportunizam duas certificações, bacharelado em arte e bacharelado em educação; e existem as que ofertam um programa de pós-graduação para essa certificação, como é o caso da UBC. A vantagem do nosso programa é que as pessoas chegam já formadas em Artes ou Belas Artes e podem se

concentrar nesse programa profissional de formação de professores. Outro fato importante é que a tabela salarial do governo canadense oferece um bônus significativo para o professor que tenha realizado esse ano de pós-graduação.

Na UBC, o programa de pós-graduação em arte educação está localizado na Faculdade de Educação. Isso significa que não temos os estúdios de arte como os da Faculdade de Belas Artes, mas ainda assim temos alguns espaços para estúdio. O meu departamento tem um estúdio de cerâmica, um de têxtil e dois estúdios multiuso. Todos os quatro são utilizados para aulas e também para a realização de trabalhos independentes, extraclasse, feitos por estudantes de mestrado e doutorado de cursos de bacharelado. Mas alguns de nossos alunos de arte educação também os utilizam.

A A/r/tografia é uma pesquisa com base na prática e apresenta as ideias do artista, do pesquisador e do professor: A, R, T em referência ao *Artist, Researcher e Teacher* (Artista, Pesquisador e Professor). Arte e texto se situam de forma integrada. Podemos pensar a respeito da arte e do texto nas pesquisas que estamos fazendo ou do tipo de escrita que estamos elaborando. Mas na grafia A/R/T há uma divisão entre A e R, entre R e T, e isso é relevante. Na época essas identidades eram de extrema importância e não queríamos apenas integrar todas as identidades em uma só. Percebemos que havia espaço para o artista, para o pesquisador e para o professor e por isso colocamos essa divisão para enfatizar os espaços entre essas identidades. Portanto é uma forma artística de pensar a palavra ART com base na prática do artista, do pesquisador e do professor.

Eu gosto mais do termo investigação do que do termo pesquisa. A pesquisa, para mim, se enquadra dentro de um formato científico e se formos pensar de uma forma artística, considero que é necessário mudar o termo e pensar como “investigações”.

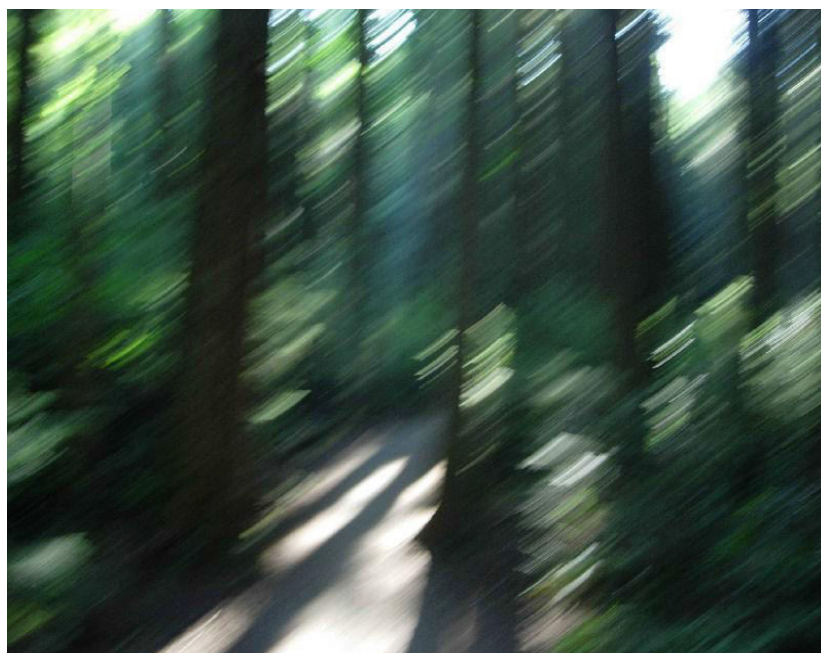
Em minhas caminhadas em um parque repleto de árvores, quando morava próximo desse lugar, comecei a investigar como poderia mudar a minha relação com a paisagem e como interpretaria o meu movimento. Como fiz isso? Mudando minha forma de respirar, o movimento da minha câmera e a forma como eu via a paisagem.

FIGURA 1 – REGISTROS DA PAISAGEM



FONTE: IRWIN (2015)

FIGURA 2 – REGISTROS DA PAISAGEM



FONTE: IRWIN (2015)

Convido vocês a imaginarem um parque e como ele poderia impactar vocês por estarem naquele ambiente. Que relações podem ser criadas? Fazendo um paralelo com o espaço escolar, com o ensino e a pesquisa educacional, como poderíamos pensar nas metodologias como situações relacionais que provocam ou evocam significados através da contemplação e da problematização?

Vamos pensar a respeito disto. Estamos falando de situações relacionais. Então, se formos pensar no artista, no pesquisador e no professor, existem relações com e entre essas identidades, mas há também as relações com quem estamos fazendo a pesquisa, com o quê e os motivos porque estamos pesquisando. Palavras, situações, indagações que provocam e evocam sentimentos e lembranças carregadas de significado. Como podemos encorajar alguém a pensar de forma diferente? Como podemos fazer com que sintam de forma diferente?

Considero que em várias pesquisas existem muita causa e efeito. Apresenta-se uma pergunta de investigação e buscam-se dados para elaboração de respostas. Aprecio as pesquisas que usam essa metodologia de forma apropriada, mas não acho que precisamos usar isso o tempo todo. Na pesquisa artística estamos falando a respeito de fazer perguntas, muitas perguntas e essas indagações provocam novas perguntas. Vamos complicar as coisas, misturá-las. Vamos provocar distúrbios, movimentos. Queremos investigar em diferentes direções para chegarmos a uma nova compreensão e isso exige novos modos de pensar, de promover relações.

Muitas vezes falamos da relação entre teoria e prática na educação. O que quero ressaltar é que ao invés de pensarmos através da teoria e da prática, possamos pensar em colocar isso em ação. E isso envolve engajamento. Não estamos estabilizando algo, fixando-o e sim nos colocando em uma situação de constante movimento. Esse tipo de trabalho realmente assume vida quando usamos no nosso dia a dia. Estamos teorizando e ao mesmo tempo envolvidos nisso e a prática é algo com que nos comprometemos todos os dias.



Muito do trabalho teórico que foi feito a respeito de A/r/tografia utiliza a filosofia de Gilles Deleuze. Um dos conceitos que considero importante é o de rizoma<sup>5</sup>. Esses caules que saem em diversas direções, mas que também retornam e encontram algum tipo de espaço onde podem criar conexões e ir para outras direções. E essa concepção é muito importante para nós.

Comentei que a pesquisa tradicional envolve causa e efeito. Fazemos uma pergunta, juntamos os dados, analisamos e apresentamos resultados. Se o caminho não é de causa e efeito, é comum que algo vá de A para B, ou de B para C. É um percurso muito linear. Mas se estivermos pensando de uma forma mais rizomática, poderíamos dizer: *“Acho que eu quero ir por este lado e investigar aqui por um tempo”*. *“Aquilo é interessante também, vou dar uma olhada por um tempo”*. *“Ok, agora preciso voltar e investigar isso por um tempo. Agora quero ir para lá e investigar aquilo”*.

De forma artística, andamos por diferentes caminhos e nos sentimos bem com isso. Aceitamos o espaço e esse tipo de pesquisa quer celebrar isso. Não pensamos apenas com nossas mentes, com nossos corações porque reconhecemos que o nosso corpo faz parte disso. Existimos em nosso pensamento, em nossos sentimentos e em nossos corpos. Todas essas coisas acontecem o tempo todo. Não estamos apenas interessados no questionamento, na pergunta, mas também no desafio da procura e tudo que isso envolve.

Como artistas, somos chamados a pensar a respeito de algo. Procuramos, perscrutamos. Como educadores, somos chamados a refletir mais profundamente a respeito de situações e queremos responder a esse chamado. Não é apenas uma pergunta, é algo que tem forte significado para nós e algumas pessoas chamam isso de investigação viva. São inquietações e desejos que queremos continuamente investigar: em nossas vidas, em nossa sala de aula, nos estúdios, nas práticas artísticas. É viva porque é uma forma de ser, nós vivemos isso. Não separamos ou categorizamos, dizendo: *“agora vou fazer pesquisa, agora não vou fazer pesquisa”* porque trazemos a pesquisa conosco, em nossas vidas. Continuamente pensamos sobre isso. É algo que se prolonga conosco.

---

5 Gilles Deleuze e Felix Guattari se utilizam do termo rizoma para exemplificar um sistema epistemológico onde não há raízes fixas, provocando um pensamento de múltiplas conexões. *“Trata-se do modelo que não pára de erigir e se entranhar, e do processo que não pára de se alongar, de romper-se e retornar”* (DELEUZE; GUATTARI, 1995, p. 32).

Vocês sabem o que é pesquisa-ação ou pesquisa com ação? No Canadá, a pesquisa com ação é uma forma de investigação que os professores podem utilizar na sala de aula e em outras comunidades. A partir de uma pergunta, agregamos informações que ajudem a respondê-la. Pensamos sobre isso e dessa reflexão surgem novas perguntas. O ciclo se mantém até que se tenha uma espiral, pois a pesquisa-ação é contínua. Não é uma questão de fazer uma pergunta, unir os dados, as análises e respondê-la. É um círculo contínuo de indagações que frequentemente ocorre em nossas práticas. E o que empolga é que isso pode pertencer a qualquer um de nós. Pode ser feita por vocês como professores, como artistas, como a/r/tógrafos. Pode ser realizada com os nossos alunos e em nossa comunidade. São outras formas de pesquisa.

Pensem no conhecimento como pré-existente, algo que pode ser encontrado pela pesquisa. É um exercício válido e algumas vezes é preciso que os cientistas encontrem esse conhecimento. Mas eu acredito que estamos em outro campo da arte e da educação. Queremos criar saberes e encontrar formas de criar a condição de conhecimento. Podemos fazer isso de modo independente ou em comunidade.

Considero que uma comunidade de prática é muito importante. Por mais que eu goste de trabalhar sozinha, percebo que trabalhar com outros tem me ajudado a ser mais crítica no meu trabalho, a me envolver com outras pessoas e a pensar de forma diferente, quem sabe até de forma mais criativa. Estar com os outros pode ser o lugar onde eu verdadeiramente me mostre como educadora, pois reconheço e me transformo trabalhando junto.

Ao nos envolvermos com investigações, precisamos pesquisar e procurar referências, e isso envolve arte, artistas, processos de criação. Precisamos saber o que está acontecendo no mundo da arte. Seja qual linguagem artística você utilize, é preciso investigar e saber o que está acontecendo. Pensar que artistas afetam ou quais podem influenciar você e seu trabalho. E para se aproximar do processo e/ou produção desses artistas, e como interagem com seu trabalho, é preciso escrever sobre isso. E até inserir imagens. Sempre encorajo a inclusão de artistas em nosso trabalho. Contudo, por mais



que eu tenha enfatizado a arte, quero também mencionar que a A/r/tografia se distingue de outras formas de arte e de pesquisas baseadas em arte porque além do artístico enfatiza também o educador.

O que temos aprendido no nosso trabalho pedagógico é que precisamos compreender e relacionar a prática da educação com a prática de arte e trazer essas relações para o campo profissional como um aprendizado relacional. Uma relação intrínseca entre corpo, teoria e prática. O artista, o professor e o pesquisador não são posições dicotômicas. Estão envolvidos e separados na medida em que o aprendizado se torna flexível e criativo.

Que tipo de linguagens artísticas utilizamos na A/r/tografia? Será que realmente fazemos algo que seja diferente de outras formas de pesquisa? Não considero que exista uma linguagem própria para a A/r/tografia, pois dependendo da forma de arte que você inseriu nesse processo você escolherá uma linguagem para expressar-se. O uso de linguagens artísticas ajudou muitas pessoas. O que quero dizer é que podemos encontrar na arte algo que nos ajude a pensar a arte e a educação como pesquisa. A a/r/tografia como investigação é também uma forma de pensarmos para além do uso tradicional de métodos de pesquisa.

## FORMAS ARTÍSTICAS DE PESQUISA COMO PRÁTICAS CONCEITUAIS

Utilizo nos meus trabalhos investigativos ferramentas como entrevistas, observações e grupos de estudo. Mas também quero utilizar a arte e para isso preciso estar envolvida em processos e conceitos artísticos. Apresento a seguir alguns conceitos que podem nos ajudar a pensar sobre isso. Outros poderão ser utilizados ou acrescidos. São práticas conceituais que nos auxiliam a realizar formas artísticas de pesquisa e a encontrar modos de navegar nesses trabalhos.

**Contiguidade** é um conceito importante e que está na palavra A/r/tografia, porque fala da arte, do artista, do pesquisador e professor. Contiguidade tem a ver com estar lado a lado, um ao lado do outro. Não quer dizer que estamos apagando algo ou integrando-os. Eles existem lado a lado. Percebi que preciso passar certo tempo sendo artista, outro como professora e mais outro como pesquisadora. A ideia da forma de escrita da A/r/tografia é importante porque mostra essa contiguidade. É um jogo de grafia entre A/R/T e Arte.

**Investigação viva**, outro conceito extremamente significativo. É uma forma de ser e estar no mundo. A nossa prática pode nos ajudar a fazer perguntas que são relevantes e possuem significado para nós. E assim nos engajamos com elas. Olhe para dentro de si e pense que perguntas são importantes para você. Comece com essas perguntas. Tenho um amigo na universidade, um colega, que é poeta e se diverte brincando com a linguagem. Em conjunto refletimos sobre a ideia da pesquisa que precisa ter rigor, que precisa ser difícil. As nossas pesquisas tem rigor, mas também vigor. E vigor é energia, é ação, é engajamento e é sobre isso que precisamos pensar. Tem a ver com corpo e com engajamento. Estamos envolvidos em nosso próprio aprendizado e nesse tipo de trabalho começamos com perguntas que se transformam em outra pergunta e em outra. Fazemos diversas perguntas antes de voltarmos para a pergunta original. Talvez até desistamos dela. Por isso é importante entendermos as mudanças que ocorrem nas perguntas em uma investigação.

Muitas pesquisas envolvem hipóteses e argumentos. Podemos fazer uma tese com esse tipo de trabalho, mas de forma artística talvez pensemos em outras formas. Utilizamos uma **exegese** na qual o processo e a forma artística se situam como uma explicação crítica do significado dentro do trabalho. O embasamento teórico nos ajuda a compreender melhor o que foi vivenciado para que esse corpo de trabalho aconteça. Isso é a exegese. O importante é a atenção que se dá ao andamento da pesquisa por meio da transformação de suas questões e compreensões. Essa é a diferença entre tese e exegese.

Frequentemente nas nossas pesquisas utilizamos a linguagem de achados, mas não considero uma linguagem apropriada se estamos falando de pesquisa artística. Acredito que a linguagem de compreensão é mais apropriada. Que novas compreensões elaboramos e que nos fazem evocar e provocar engajamentos significativos com o outro? Quando vamos a uma galeria de arte, a uma exposição, muitas vezes somos instigados a pensar de forma diferente. O artista e seus trabalhos estão evocando algo em você. Queremos que a *A/r/tografia* faça o mesmo.

**Metáfora e Metonímia.** Muitos artistas pensam em forma de analogia, por meio de símbolos e de metáforas. Por que não fazemos isso em nossos trabalhos? A Metáfora é uma figura de linguagem na qual um termo (uma palavra, uma expressão, uma imagem)

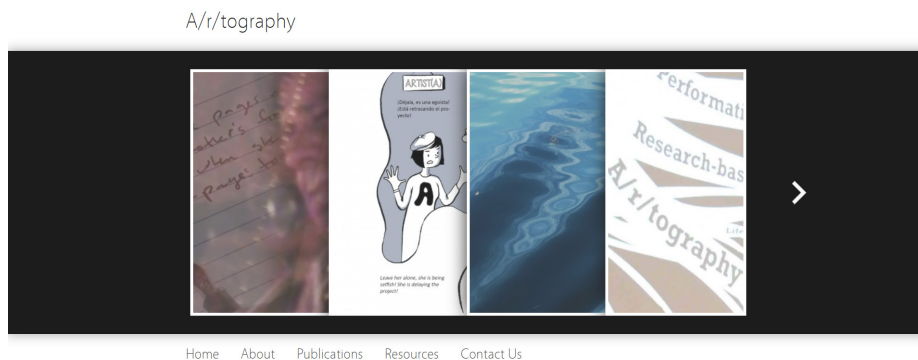
substitui outro, revelando uma relação de semelhança entre os termos. Já a Metonímia é a substituição de um termo por outro quando existe uma relação de proximidade. Esses conceitos nos ajudam à medida que nos envolvem em nossa própria pesquisa artística. Uma metáfora que gosto é a ideia de abertura.

**Aberturas** Este conceito envolve ações de artistas que buscam frestas para algo que está se abrindo aos seus sentidos. Pode ser algo bastante literal, representativo, ou algo que acontece durante uma conversa com outros. A a/r/tografia abre oportunidades para percebermos o que é conhecido e também o que não conhecemos.

**Reverberações** é um conceito que envolve movimento. Quando penso a respeito do professor, do pesquisador e do artista, percebo um movimento entre eles. Os espaços entre as letras A, R e T também representam movimento. Adoro pensar que existe uma vibração acontecendo na palavra A/r/tografia e, para mim, isso é reverberação. No Canadá fui muito influenciada por alguns professores que falam da fronteira, de estar no limite. E isso também envolve reverberações. Muitos artistas buscam lugares que outros ignoram, espaços que podem estar entre algo. Pensem sobre isso.

**Excesso** talvez seja o mais complexo e empolgante conceito. Excesso é refugio, algo considerado inútil por muitas pessoas. Mas aí os artistas vão lá e pegam aquilo que foi desprezado e investigam. Criam e produzem atenção para aquilo que foi descartado, ignorado, jogado fora. É essa direção que queremos ir. Queremos estudar as minúcias, as situações que passam despercebidas e queremos representá-las de forma artística.

FIGURA 3 – SITE DA A/R/TOGRAFIA



FONTE: MADRID (2014)<sup>6</sup>.

<sup>6</sup> Disponível em: <http://artography.edcp.educ.ubc.ca/> Acesso em: 20/10/2016.

No site da *A/r/tografia* vocês podem ter acesso a diversos trabalhos que mostram essas práticas conceituais. Tentamos atualizar os estudos mostrados, mas nem sempre fazemos isso com frequência. Quero falar do trabalho de Martha Madri, que trabalhou na sua tese com grupo de jovens menos privilegiados. Martha discutiu os diferentes papéis da artista, da pesquisadora e da professora. Esse trabalho apresenta uma grande relação com as identidades e com alguns dos desafios que esses jovens estavam enfrentando. A tese de Martha é composta de três volumes e o terceiro foi feito completamente no formato de HQ (história em quadrinhos). Os outros dois volumes mesclam imagens e textos com enfoque na teoria. Se vocês tiverem tempo e interesse, convido-os a entrarem no terceiro volume que é dedicado aos quadrinhos. Fiquei muito empolgada com isto.

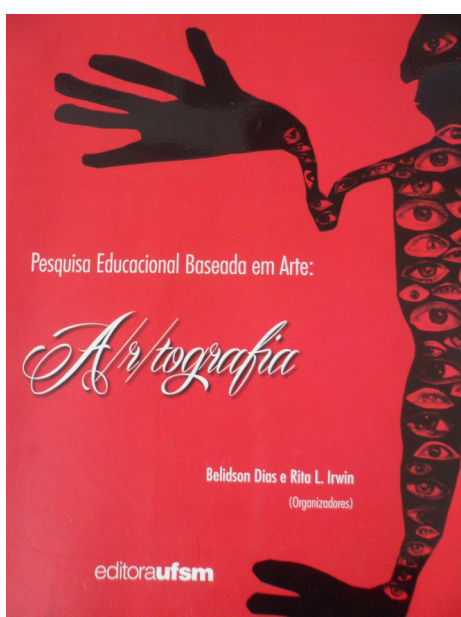
No site também é possível acessar o trabalho de um colega da UBC que cria poesias e as denomina de investigação poética. Temos trabalhado juntos utilizando a *A/r/tografia* por muitos anos. O que quero ressaltar é que temos pessoas utilizando a narrativa, a poética e a performance como investigação. Muitas pessoas da música estão adentrando nesse campo também, o que revela como a *A/r/tografia* está atravessando as diversas linguagens artísticas.

Em outra proposta, uma estudante do doutorado fez um trabalho envolvendo fotografia e filme. Ela é imigrante do Irã e investigou a respeito de se sentir fora do seu lar, de sua terra. Quais são os sentimentos de estar fora de um lar, sem um lar? Na sua pesquisa, a estudante examina algumas das práticas ritualísticas da sua cultura, entre eles o flagelo, e narra porque quis deixar seu país e vir para o Canadá.

Entre os meus trabalhos, destaco um que fiz com outra artista no qual mesclamos as minhas fotografias com o trabalho dela e escrevemos sobre isso. Produções que revelam o meu engajamento artístico também. No nosso site temos pesquisas do Canadá, dos Estados Unidos, da Austrália, do Brasil e da Europa. Estamos começando a inserir trabalhos feitos na Ásia e em diversas outras línguas. Sempre convido as pessoas a me enviarem trabalhos para colocarmos no site. Não precisa ser apenas em *A/r/tografia*, pode ser de Pesquisa Baseada em Arte. O site é bastante utilizado por pesquisadores e quando algo errado acontece no site, os brasileiros são os primeiros a me avisar sobre o problema. Então é um sinal de que várias pessoas daqui acessam o site da *A/r/tografia*.

Por fim quero dizer que eu e o Belidson Dias, da Universidade de Brasília, organizamos um livro a respeito da A/r/tografia. Foi o primeiro livro fora da língua inglesa, mas alguns capítulos foram traduzidos do inglês e do espanhol. Esse livro foi publicado em 2013 pela editora da Universidade Federal de Santa Maria.

FIGURA 4 – CAPA DO LIVRO A A/R/TOGRAFIA



FONTE: DIAS; IRWIN (2013).

Quero agradecer o interesse de vocês e dizer que estão fazendo um ótimo trabalho no campo da A/r/tografia e da Pesquisa Baseada em Arte aqui no Brasil. Adoraria passar mais tempo conversando a respeito de possibilidades para seus próprios trabalhos.

Muito obrigada por essa oportunidade de compartilhar pensamentos e caminhadas com vocês. Já estou ansiosa para outras conversas.